

Editorial

Anglicanismo e Cultura brasileira

Rev. Carlos Eduardo Calvani

O presente número da Revista Inclusividade busca contemplar o anseio expresso por alguns de nossos leitores que, por várias vezes já nos perguntaram quando dedicaríamos um número à questão da inculturação do anglicanismo no Brasil.

Na verdade, não é tarefa fácil definir o que entendemos por cultura brasileira, uma vez que o número de definições de “cultura brasileira” equivale, em geral, ao número de autores (culturalistas, antropólogos e brasilianistas) que escreve sobre o tema. Comparar essas definições, além de estafante, é desnecessário para o momento. Regra geral, basta dizer que as definições podem ser divididas em dois grupos: estáticas e dinâmicas.

Às primeiras correspondem autores mais antigos como Nina Rodrigues (1935 e 1929), Sílvio Romero (1943) e Fernando Azevedo (1943), entre outros. Nesses autores ainda transparece certa confusão entre cultura e técnica, além da tendência a priorizar as artes, formas jurídicas, política e certas regras de comportamento social (“boa educação”) como indícios da superioridade de uma cultura sobre outra. Ao segundo grupo pertencem autores mais recentes como Roberto Da Matta (1978 e 1989), Renato Ortiz (1985) e Gilberto Velho (1987). Influenciados por autores como Clifford Geertz (1978) e Kaplam (1981), concebem a cultura como o conjunto de valores materiais e espirituais (alguns preferem “simbólicos” em lugar de ‘espirituais’ devido às conotações religiosas e metafísicas desse termo) desenvolvidos pelos grupos humanos de acordo com as condições climáticas, geográficas e sociais da vida. A cultura se manifesta, então, em diversos níveis: imaginário (sonhos, mitos, esperanças, utopias), simbólicos e materiais (objetos produzidos pela técnica humana transformando a natureza – o processo de objetivação). Esses níveis estão em permanente interação, conforme Suess: “o imaginário tem uma incidência

sobre o campo material, social e interpretativo, como o sistema interpretativo direciona a imaginação, a produção simbólica e o real” (SUESS, 1991:46).

Dessa forma, quando se fala em “cultura brasileira” é preciso descartar desde cedo qualquer idéia de homogeneidade e padronização. Embaixo desse guarda-chuva conceitual residem diversas sub-culturas (também brasileiras uma vez que convivem no mesmo espaço político-geográfico chamado Brasil) com estilos diferentes e linguagens díspares (sotaques, entonações, verbos e substantivos que só fazem sentido em determinadas regiões do Brasil). Será possível então, diante disso, falar de “cultura brasileira” de modo simplista? O que é tipicamente brasileiro? Até que ponto podemos afirmar que a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, é realmente “brasileira”?

É essa visão que faz com que Da Matta pergunte “o que faz o brasil, Brasil?”, indicando nos dois usos do substantivo seu esforço para identificar as características que permitem a esse espaço físico delimitado por limites geográficos (o “brasil” com “b” minúsculo) transformar-se numa só cultura (o “Brasil” com B maiúsculo) que engloba diversos brazis. A conclusão é que o grande Brasil é resultado da soma de diversos pequenos brazis, diversos estilos de vida e de práticas cotidianas. Por isso, quando se fala em “cultura brasileira” é preciso descartar desde cedo qualquer idéia de homogeneidade e padronização porque embaixo desse guarda-chuva conceitual (o “Brasil”) residem diversas sub-culturas (os “brazis”) com estilos diferentes e até linguagens díspares.

O fato é que isso que chamamos “Brasil” ou “cultura brasileira” é o resultado de uma série de fusões e interações entre contribuições provenientes de diferentes povos e lugares. Nada mais ingênuo do que considerar como cultura “originalmente” brasileira a dos nativos que habitavam essa região antes de 1500, simplesmente porque até 1500 não há “Brasil” propriamente dito. Não havia um Estado ou nação nesse território, e sim uma mescla de diversos grupos semi-nômades convivendo (entre períodos de guerra e paz) num espaço geográfico relativamente próximo, mas sem noção de fronteiras. É evidente que esses grupos possuíam cultura, técnica, tradições e religiões,

mas a existência desses grupos em si, não é suficiente para afirmar que sejam os únicos e verdadeiros brasileiros, mesmo porque não eram ainda “brasileiros”.

Essa nação que hoje chamamos “Brasil”, espaço de convivência político-social de diversos grupos tampouco nasceu em 1500 com a chegada dos portugueses. O Brasil que hoje conhecemos é parte de um processo contínuo, dinâmico e ininterrupto de troca de experiências internas e externas. Há, evidentemente, uma matriz cultural que nos remete ao Brasil-colônia, onde encontramos ao menos três matrizes culturais (hoje pouco já não se usa o termo “etnias” ou “raças”) convivendo conflituosamente, mas ao mesmo tempo rendendo-se inevitavelmente à miscigenação. No Brasil-colônia assistimos a dominação das culturas nativas por europeus brancos de religião e hábitos diferentes. A esses dois grupos somam-se, mais tarde as diversas culturas africanas trazidas para o trabalho escravo. É dessa inter-relação entre nativos (indígenas), africanos e portugueses que começa a se formar o que hoje recebe o nome de “Brasil”.

Roger Bastide, após estudar diversos aspectos da história e da cultura brasileira, escreveu um interessante livro em que procura descrever e compreender esse caráter múltiplo e aparente contrastante de nosso povo. Bastide foi um dos que percebeu o fato de que é exatamente essa multiplicidade que torna a cultura brasileira tão rica. No capítulo em que analisa a presença e a contribuição dos imigrantes, compara as terras brasileiras à “mesa da comunhão pascal”, onde todos são aceitos e recebidos com boas-vindas para participar da mesma graça:

Fugindo à miséria e às perseguições políticas, às invasões assassinas ou à insegurança do futuro, homens deixam suas casas, a paisagem familiar, o cemitério onde dormem os avós à sombra da cruz cristã ou das pedras tumulares budistas. Lançam um último olhar aos campos de oliveiras, aos rochedos calcinados da Sicília, às aldeias bávaras ou prussianas, aos cedros do Líbano, às árvores em flor dos vales nipônicos... Dispensar-se-ão pelas fazendas e pelas cidades, conhecerão outras estrelas e outros costumes; construirão outras casas, criarão outra paisagem e enterrarão seus mortos noutros cemitérios. Sim, o

Brasil é em verdade a grande mesa da comunhão pascal, e os povos que noutros lugares combatem-se, matam-se uns aos outros, alemães e franceses, italianos e austríacos, russos e eslavos, japoneses e chineses, tornam a encontrar a fraternidade, alimentando-se do mesmo pão do trabalho, bebendo o mesmo vinho do sofrimento comum. Partilham, como hóstia sagrada oferecida pela mão brasileira, a mesma terra para lavrar e plantar, para semear e fazer frutificar. E através desta hóstia, dividida em fragmentos também sagrados, por meio de uma nova pátria comum que une irmãos separados, ontem inimigos, recebem finalmente, ao entardecer da vida, a dádiva da paz (BASTIDE, 1979:184).

A análise de Bastide é feita na ótica da tensão inclusiva - as diferenças não são ocultas, mas minimizadas, pólos diferentes que acabam por se atrair, se interpenetrar e nenhum dos dois permanece o mesmo, “puro” após o cruzamento. Isso de certo modo sempre impediu o triunfo de forças divisionistas, de guerras civis internas de caráter étnico. A partir daí, ele conclui:

Assim, o sociólogo que estuda o Brasil não sabe mais que sistema de conceitos utilizar. Todas as noções que aprendeu nos países europeus ou norte-americanos não valem aqui. O antigo mistura-se com o novo. As épocas históricas emaranham-se umas nas outras. Os mesmos termos como ‘classe social’ ou ‘dialética histórica’ não têm o mesmo significado, não recobrem as mesmas realidades concretas. Seria necessário, em lugar de conceitos rígidos, descobrir noções de certo modo líquidas, capazes de descrever fenômenos de fusão, de ebulição, de inter-penetração, noções que se modelariam conforme uma realidade viva, em perpétua transformação. O sociólogo que quiser compreender o Brasil não raro precisa transformar-se em poeta (BASTIDE, 1979:15).

Abrimos o presente número de *Inclusividade* com três importantes contribuições teóricas sobre inculturação. O Rev. Dessórdi Peres Leite nos ajuda a compreender o atual estado dos estudos sobre inculturação e liturgia, enquanto Josué Flores nos lembra que a teologia da encarnação, na qual o anglicanismo sempre se firmou, exige simultaneamente esvaziamento (kenosis) e inculturação. O Dr. Marcelo Barreira, professor de Filosofia da Religião na Universidade Federal do Espírito Santo apresenta uma consistente reflexão teórica sobre a inculturação no cristianismo, finalizando com ponderações sobre a inculturação da liturgia anglicana.

Na sequência, três artigos tocam em temas bastante específicos. Dom Saulo Maurício de Barros nos apresenta uma bela visão sobre a festa do Círio de Nazaré, em Belém do Pará, desafiando-nos a olhar com mais carinho para essa manifestação da cultura popular. Meu artigo sobre Liturgia e MPB tenta fazer com que compreendamos a possibilidade de inserir canções da música popular brasileira em nossas liturgias e, finalmente, o Rev. Elias Vergara e seu irmão Wesley Vergara nos desafiam a repensar nosso Livro de Oração Comum e a criarmos livros de oração alternativos, adaptados a diferentes realidades do Brasil.

No sétimo artigo, a Revda. Karmen Kawano nos ajuda a compreender as comunidades de anglicanos japoneses ou de seus descendentes, com as dificuldades iniciais de adaptação e as possibilidades atuais. Na sequência, o Rev. Jorge Aquino aborda, com muita competência, as novas formações familiares no Brasil, e como nosso judiciário tem trabalhado essas questões, desafiando-nos a rever nossos cânones e nossa liturgia matrimonial. A Revda. Carmen Etel, por sua vez, mostra-nos, a partir de bases bíblicas e da prática diaconal em Curitiba, a importância de uma pastoral voltada para a Economia Solidária.

Finalizamos esse número publicando, com alegria, o Rito Eucarístico de Caaporã, talvez uma das mais belas expressões de inculturação anglicana no Brasil, bem como outros textos poéticos que nos mostram o grande potencial que temos para que nossa igreja seja verdadeiramente encarnada e inculturada.

Boa leitura a todos.

Rev. Carlos Eduardo Calvani
Editor

Referências Bibliográficas

AZEVEDO, Fernando. *A cultura brasileira*. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 1943.

BASTIDE, Roger. *Brasil, terra de contrastes*. São Paulo, DIFEL, 1979.

DA MATTA, Roberto, *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

_____. *O que faz o Brasil, Brasil ?* Rio de Janeiro, Rocco, 1989.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

KAPLAM, *Teoria da cultura*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

RODRIGUES, Nina. *As raças humanas e a responsabilidade penal..* Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 1935.

_____. *As Colectividades Anormas*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1939;

ROMERO, Silvio. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1943.

SUESS, Paulo. "Cultura e religião" in *Culturas e Evangelização* (Paulo Suess, org.). São Paulo, Loyola, 1991.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo, Brasiliense, 1985.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura*. Rio de Janeiro, Zahar, 1987.